

# Entrevista com David Boadella<sup>1</sup>

## por Esther Frankel

Publicado em Energy&Character vol 35, Novembro 2006

**Esther:** David, conte-me sobre o seu passado e como você se interessou pela terapia.

**David:** Eu nasci em Londres, mas cresci em Kent. Ao norte ficam os subúrbios de Londres e, ao sul, a zona rural. Eu cresci muito próximo às árvores e sentia muita alegria em subir nelas.

Meus pais eram conectados a um professor espiritual (uma pessoa de mente aberta que ensinava os princípios das principais tradições espirituais do mundo). Tanto meu pai quanto minha mãe estavam buscando o quê está subjacente à superfície da vida. No entanto, eu era um adolescente rebelde. Um dos momentos chave no meu desenvolvimento foi descobrir, aos 21 anos, o trabalho de Wilhelm Reich em uma livraria anarquista de Londres.

Meus pais viveram até bem tarde. Minha mãe era uma pessoa otimista: ela amava pintar e era muito artística. Ela morreu com plena consciência aos 96 anos. Sua última mensagem foi: “Eu não tenho arrependimentos em relação ao passado, nem medo em relação ao futuro. Quanto ao presente, eu ainda estou agarrada à vida.” Ela foi muito brilhante até o fim. Do meu pai, eu aprendi o respeito pelas raízes do conhecimento de uma ampla variedade de culturas. Ele tinha uma alma não ortodoxa por trás de uma aparência ortodoxa.

Na escola o meu primeiro interesse foi literatura, de modo que esta era a minha principal matéria na Universidade de Londres. O meu primeiro livro, escrito quando eu tinha 25 anos, foi chamado de “The Spiral Flame”<sup>2</sup>, e era uma comparação entre o trabalho do poeta e novelista inglês D.H. Lawrence e o trabalho de Reich. Eu enviei uma cópia para Tage Philipson, um doutor dinamarquês que foi o primeiro cliente de vegetoterapia de Reich. Encontrei-o mais tarde em Paris, ele gostava muito da comparação entre Lawrence e Reich.

Depois de descobrir os livros de Reich, procurei um terapeuta. Escrevi para Reich que me disse que o terapeuta reichiano mais próximo estava em Oslo, Ola Raknes. Naquela época eu não podia ir à Noruega, mas encontrei uma psiquiatra em Londres que havia sido treinada por Od Havrevold, outro reichiano norueguês. Infelizmente, o trabalho dela era muito mecânico: ela usava óxido nitroso de uma máquina de ar e gás para induzir correntes de energia em seus clientes. Se eles apresentassem uma transferência negativa, ela culpava a máquina. Parei de fazer esse trabalho após alguns meses. Mais tarde descobri um homem muito criativo em Nottingham, Paul Ritter. Ele era um apaixonado por Reich, e praticava uma forma muito humana e sensível de vegetoterapia intuitiva. Reich escreveu-lhe uma carta de apoio. Ele tornou-se o meu primeiro terapeuta real.

Mais tarde Ola Raknes veio regularmente a Londres e eu pude fazer uma série intensiva de sessões com ele.

---

<sup>1</sup> Tradução Alice Menezes. Revisão Milton Correa

<sup>2</sup> “The Spiral Flame” – A chama em espiral (N.R.)

**Esther:** Como era trabalhar com Raknes como terapeuta?

**David:** Raknes tinha mais de 80 anos nesta época e tinha uma energia extraordinária. Ele era um tipo de homem muito enraizado, não trabalhava muito com as palavras, mas sim com o toque, com os pontos de dissolver a couraça e de mobilizar a energia. Ele praticava a vegetoterapia clássica, assim como ele a aprendera com Reich. Ele estava no meio dos seus 80 e eu tinha 39 anos naquela época. Ele gostava de fazer um processo para ajudar o cliente a relaxar – ele queria que o cliente ficasse completamente rígido. Eu estava deitado e ele, então, dizia: “Fique completamente rígido como uma prancha”, em seguida ele pegava o meu pescoço e levantava-me até eu ficar de pé - o que precisa de muita força. Por fim, ele deitava-me novamente, e, então, dizia: “Agora relaxe.”

Era uma intervenção paradoxal: enrijecer para relaxar.

Raknes era respeitoso, um terapeuta não invasivo que prestava muita atenção aos sinais do corpo. Uma vez ele teve um cliente que disse: “Doutor, sinto-me como um defunto.” Ele olhou para o seu cliente e viu que um dos dedos do pé estava se mexendo. Então ele disse: “Nunca vi defunto mexer o dedo do pé.” E então o dedo moveu o pé; o pé moveu a perna; uma perna ativou a outra; e o homem mudou de emprego algumas semanas depois.

**Esther:** Nesta época Reich ainda estava vivo?

**David:** Reich ainda estava vivo, morando nos EUA e eu tinha uma carta dele recomendando Ola Raknes. Como um jovem estudante em 1952, também escrevi uma carta para Nic Waal (que era uma médica treinada por Reich em Oslo) perguntando a ela quem estava disponível para oferecer-me vegetoterapia. Recebi dela uma resposta de 4 páginas explicando toda a história da vegetoterapia em Oslo e me contando coisas muito importantes. Ela dizia que, a não ser que seja usado um continente no trabalho de construção do ego, podemos criar psicose em nossos clientes. Ou seja, a terapeuta líder em vegetoterapia (ela era diretora de um Instituto de Psiquiatria em Oslo) estava passando a um jovem estudante, que estava apenas começando, a mensagem muito clara de que a contenção é necessária se você vai trabalhar com energias e expressões emocionais fortes. Nunca esqueci esta mensagem.

**Esther:** O que você fez quando terminou a universidade em Londres?

**David:** Quando eu terminei os estudos, mudei-me para Nottingham para fazer terapia com Paul Ritter. Decidi, naquele momento, tornar-me professor e trabalhar com crianças. Estava interessado nas questões emocionais de crianças em função do meu interesse reichiano relacionado à prevenção da neurose. Mais tarde, obtive um mestrado em Educação. Consegui meu primeiro emprego ensinando crianças enquanto fazia terapia com Paul Ritter.

Em 1957, depois de cinco anos com Paul Ritter, e de estar estudando em seu instituto de pesquisa, eu tive o meu primeiro cliente em paralelo a meu trabalho ao trabalho de docência. Então, agora eu tinha um cliente e, quando sua terapia terminou um ano depois, eu escrevi um estudo de caso denominado “The treatment of a compulsive character”<sup>3</sup>. Depois de escrevê-lo, ouvi falar sobre Alexander Lowen e

---

<sup>3</sup> O Tratamento de um Caráter Compulsivo (N.R.)

enviei o meu estudo de caso para ele. Ele escreveu de volta, encorajando-me e oferecendo *feedback* de apoio.

**Esther:** Como o seu trabalho em educação estava relacionado a seu trabalho como terapeuta?

**David:** Estava trabalhando com crianças desajustadas, com idades entre sete e onze anos. Na minha tese de mestrado na Universidade de Nottingham eu aplicava a teoria de John Bowlby e Donald Stott ao comportamento motor das crianças. Trabalhava com os seus sinais e símbolos de expressão emocional.

Por sinais, Bowlby e Stott entendiam aquilo que é mostrado na expressão facial, nos gestos corporais. Então, na minha tese, escrevi vinte estudos de caso sobre crianças a quem eu lecionava. Escrevi sobre as questões emocionais das crianças com as quais que eu tinha de lidar, sobre a maneira como elas codificavam suas emoções em linguagem não verbal, e sobre como as crianças podiam ser ajudadas por certas intervenções terapêuticas realizadas dentro do contexto normal da escola, conforme explicado adiante. Tudo isso estava descrito na minha tese de mestrado publicada em 1960.

Por exemplo: se uma criança está reprimindo a agressão, como você pode ajudá-la? Criava uma situação, em um intervalo ou durante uma aula de educação física, e dizia: “Aqui está o colchão. O quanto de poeira você pode retirar deste colchão?” Essa era uma maneira neutra de ajudar a re-canalar a agressão de forma não-destrutiva. Eu não dizia: “Deixe-se ficar com raiva.” Simplesmente dizia: “Crie mais poeira.”

Outro exemplo: havia uma criança muito inibida, uma criança muito ansiosa. Dei-lhe um grande pedaço de papel e disse “Veja se você pode rabiscar neste papel.” Ele começou, muito timidamente, em um canto do papel, e em seguida teve coragem para preencher a página inteira com intensa expressão. Depois disso, nas aulas de educação física, onde normalmente ele andava junto às paredes porque tinha medo de ir para o centro da sala, notei que ele passou a confiar em si mesmo e pôde expandir o seu espaço.

**Esther:** Como você era aceito pelos outros professores?

**David:** Isto era interessante também. Um destes professores era o primeiro cliente que eu mencionei e ele disse para mim: “Eu preciso de terapia. Você que sabe alguma coisa de Reich, diga-me onde eu posso fazer terapia?” Disse a ele que o terapeuta reichiano mais próximo ficava em Oslo. Ele disse: “Mas você tem um terapeuta na Inglaterra.” Então eu escrevi para o meu terapeuta, mas ele respondeu que não tinha horário para atendê-lo. O professor, então, disse: “Bem, então terei de trabalhar com você.” Eu lhe disse: “Não sou um terapeuta.” “Mas agora você é”, respondeu ele, “Porque eu sou o seu primeiro cliente.” E foi assim que começamos.

**Esther:** Fantástico!

**David:** Meu segundo cliente era mais *borderline*, muito mais difícil. Este caso também foi publicado. Chamou-se “The Divided Body”<sup>4</sup>. Ele era um homem muito esquizóide. Então, outro professor da

---

<sup>4</sup> O Corpo Dividido

escola teve uma crise emocional na época em que eu lecionava lá. Eu não pude ajudá-lo terapeuticamente, contudo, ele era meu amigo e eu apoiei-o emocionalmente como um amigo.

Naquele período, eu trabalhei com um diretor repressivo, que tinha uma mentalidade muito fechada e autoritária. Ele me deixava completamente livre em classe, mas, fora da sala de aula, as crianças tinham de ser muito controladas. Então, ensinei a meus alunos: “Dentro da aula vocês podem se comportar livremente, mas fora daqui vocês têm de se comportar diferente.”

**Esther:** E eles conseguiam fazer isso? Eles gostavam de você?

**David:** As crianças gostavam desta atmosfera. Eles tiveram de aprender que, quando eles saíam da aula, a vida lá fora era diferente. Este trabalho com crianças foi muito importante, pois, naquela época, a educação na Inglaterra era, em geral, muito mais livre do que na maior parte da Europa. Isto porque A.S. Neill, a quem eu conheci pessoalmente, tinha uma grande influência indireta na educação inglesa; e o fundamento da educação para aquela idade era o de brincar. Fazê-lo de forma lúdica - essa atitude do brincar influenciou-me anos antes de tornar-me terapeuta de modo regular. Essa atitude lúdica na terapia é o oposto da grande severidade que as pessoas, que possuem treinamento em psiquiatria, conferem a seu trabalho.

**Esther:** É o oposto da clínica psicopatológica.

**David:** Sim, é enfatizar os recursos da criança e ajudá-la a externalizá-los. Isso é o sentido literal da palavra educação, que vem da raiz “e-ducere”. É o mesmo foco no nosso trabalho terapêutico com adultos. A ênfase é na expressão criativa. Eu estava fazendo muito no meu trabalho educacional com poesia, drama, dança (que eu aprendi no Instituto Laban), artes marciais assim como judô. O judô ajudava às crianças a terem mais confiança em seu corpo. Eu estava introduzindo muitas atividades criativas na escola.

**Esther:** Então o seu trabalho com crianças estabeleceu as bases para o seu trabalho com adultos?

**David:** Antes de trabalhar terapeuticamente regularmente com adultos, eu já havia trabalhado com crianças na escola durante quatorze anos.

**Esther:** Por isso, quando você trabalha, eu sinto que é de uma forma lúdica. Você está contactando a criança interior do cliente, não necessariamente com palavras, mas na forma como você a aborda.

**David:** Parte da preparação para esse trabalho com crianças foi criar uma atmosfera livre e fazer espaço para a sua expressão. Publiquei dois livros de poemas de crianças enquanto estava na escola, e o primeiro foi publicado logo após eu ter começado o período terapêutico em Londres. O livro foi produzido poucos anos após eu mudar para a Escola Abbotsbury em Dorset, e tornar-me diretor. Assim, passei muitos anos na Escola Abbotsbury com total liberdade para criar um ambiente que facilitava as crianças a irem além das suas expectativas normais.

O primeiro livro de poesia publicado por crianças a quem eu lecionava foi chamado de “Handfuls of Light”<sup>5</sup>. Esse título era uma frase de um poema de uma destas crianças.

---

<sup>5</sup> Mãos plenas de Luz

Fiz cinquenta anos antes deles fecharem a escola por causa de restrições na política educacional durante o governo de Margareth Thatcher. Eu vivi nesta pequena cidade por vinte e dois anos. Ficava a cerca de uma milha da costa e eu sempre podia ouvir o mar à noite. Sempre tive uma conexão muito forte com o mar, e, toda a minha vida, morei perto da água, do mar, do rio, ou com vista para o lago: a água é uma parte muito importante da criação. Um velho professor em Nottingham queria que eu lecionasse na universidade. Ele me disse: “Não se deixe ficar para trás.”<sup>6</sup> Contudo, eu retornei para próximo da represa, que fica atrás da praia de Chesil na costa sul. Eu, inclusive, morei em Back Street<sup>7</sup>.

Durante esse período em Abbotsbury, logo após me mudar para Dorset, eu recebi uma carta de Alexander Lowen convidando-me para escrever a introdução do livro “Amor e Orgasmo”. Eu era a única pessoa interessada em Reich que ele conhecia na Inglaterra. Então escrevi a introdução de seu livro, a qual foi lida pelo americano Malcolm Brown, que também se interessava por Reich. Daí, em 1967, ele convidou-me para ir a Londres proferir uma palestra para pessoas interessadas em Reich. Chamei esta palestra de “Beyond Therapy”<sup>8</sup>, pois eu queria que as pessoas estivessem cientes do seu próprio potencial interno, criatividade e capacidade de auto-ajuda; e também daquilo que não é patológico nelas mesmas, que está além dos problemas que as levaram à terapia. Hoje poderíamos dizer que isso era enfatizar o trabalho nos recursos de cada um.

**Esther:** De certa forma, isso era uma conseqüência do seu trabalho com arte, poesia e música?

**David:** Sim. Paradoxalmente, dessa palestra para trinta pessoas, cinco ou seis procuraram-me buscando terapia. De modo que, indiretamente, ganhei uma prática terapêutica regular. De Abbotsbury ia à Londres todo segundo sábado do mês, e comecei a construir uma clientela com uma práxis regular. Inicialmente com Malcolm Brown, e depois com Aaron Esterston, um colega de R. D. Laing. Estabeleci uma clínica de doze clientes. Trabalhava de oito horas da manhã até oito horas da noite, quando voltava para casa.

Durante a primeira metade da minha vida adulta, estava casado com Elsa Corbluth, que era uma escritora talentosa, que se tornou uma poeta um tanto conhecida na Inglaterra. Vivendo com ela, eu podia aprofundar e intensificar minhas conexões poéticas, e também minha ligação com as paisagens do campo. Elsa era uma apaixonada por caminhar nas montanhas: isso era um profundo prazer que compartilhávamos, e, caminhar nas montanhas, sempre foi uma atividade importante para estabelecer o meu *grounding* no corpo físico. Depois de escalar árvores na infância, agora escalava montanhas. Isso fazia parte da minha profunda ligação com minha primeira esposa, Elsa.

**Esther:** Quantos anos vocês viveram juntos?

**David:** Até o término do período em que era professor, de modo que passamos mais de trinta anos juntos. Isso demonstra as raízes importantes da minha ligação com a poesia.

Esta época, quando comecei a ir para Londres, foi o começo da minha carreira regular com trabalho terapêutico.

---

<sup>6</sup> “don’t get yourself into a backwater”

<sup>7</sup> Back Street – “rua dos fundos” – trad. Literal – David brinca aqui com um trocadilho entre backwater e backstreet

<sup>8</sup> Além da Terapia

Em 1968, ano em que comecei em Londres, fui à Roma dar palestras sobre vegetoterapia. Federico Navarro era um estudante de medicina que assistiu à palestra e depois estudou vegetoterapia.

Em 1969, um ano depois, Gerda Boyesen veio a Londres. Montei os seus primeiros grupos de palestra. Logo depois, iniciei a minha segunda terapia pessoal, além de obter treinamento adicional com Raknes. Isso foi uma grande abertura para mim como um menino do interior - morando em Abbotsbury, “nos fundos da rua detrás”<sup>9</sup>. Eu estava indo para Londres, estudando com Raknes e dando aulas em Roma. Em 1968, fui um dos que convidou Alexander Lowen para liderar o primeiro *workshop* de bioenergética na Europa.

Também fui para a universidade de Edinburgh e ministrei uma palestra para a Associação Britânica de Psicologia. Essa palestra foi parte de um seminário sobre a comunicação não verbal e tornou-se o primeiro capítulo do meu livro “Correntes da Vida”. Chama-se “Expressão Emocional e Corpo”. Em 1970, comecei a publicação “*Energy & Character*”. Então, o caipira não era tão caipira assim, e a publicação era muito interessante. Alguém me disse que precisávamos de um *newsletter*. Os primeiros assinantes foram os membros do grupo de estudo sobre Wilhelm Reich de Londres, os *trainees* da Gerda Boyesen, os alunos de vegetoterapia de Roma, os colegas da universidade de Edinburgh, e os membros do Instituto de Análise Bioenergética de Nova York.

*Energy & Character* não é a publicação editada pelo período de tempo mais longo porque a Revista de Orgonomia tem três anos a mais. Contudo, já publicamos mais edições e mais de cem já foram publicadas até hoje. Dessa forma, editei a publicação mais produtiva no campo da psicoterapia corporal no mundo. E tudo isso começou pelos fundos da rua detrás.

**Esther:** Posso te perguntar uma coisa? Percebo que naquela época você era uma pessoa aberta, então você pôde fazer com que todas as correntes de psicoterapia estivessem presentes na sua publicação. Além de ajudar Lowen e Gerda, claro que você estava se auto desenvolvendo. Então, acredito que é importante escrever sobre isso.

**David:** Aquela foi uma fase importante. Foi logo após a revolução estudantil de 1968. Os “Growth Centres”<sup>10</sup> cresceram neste período. O primeiro “Growth Centre” na Europa foi em Londres, onde eu trabalhava. Eu tinha uma ligação com esse local e esse foi o lugar ao qual Eva Reich também veio e trabalhou. Nós estabelecemos uma ligação muito importante nesse local. Mais tarde, ela foi uma *trainer* convidada no nosso instituto.

**Esther:** O que é um “Growth Centre”?

**David:** Um “Growth Centre” é uma organização humanista, que ensina diferentes tipos de abordagens psicoterapêuticas. O auto desenvolvimento é parte do movimento humanista que estava começando naquele tempo.

No mesmo momento em que eu comecei a trabalhar em Londres estava acontecendo o nascimento da Psicologia Humanista; primeiramente na América e depois em Londres. Eu fui indicado como um dos

---

<sup>9</sup> “in the backwater, from the back street”

<sup>10</sup> Centros de Crescimento

diretores do Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano, em Londres, que foi pioneiro nas abordagens humanistas e corporais, na Inglaterra e no exterior. Há alguns anos atrás, eu fui convidado para participar do 40º aniversário do movimento humanista, que foi fundado na América, porque eles me reconheceram como um de seus fundadores.

Alguns anos depois, recebi um convite para escrever o meu estudo histórico sobre Wilhelm Reich: a evolução de seu trabalho.

Então em 1971, por causa da publicação *Energy & Character*, Lowen convidou-me para o seu congresso. Ele organizou o primeiro Congresso de Bioenergética no México, numa ilha maravilhosa, cercada de água – novamente mais água – chamada Isla de Las Mujeres (Ilha das Mulheres). Fiquei muito honrado com este status especial.

Na realidade, esta publicação começou a tornar-se uma importante parte da Biossíntese que estava se desenvolvendo nessa época, mas ela também estava aberta para artigos de Biodinâmica e Bioenergética, e de muitas outras abordagens, porque eu era um construtor de pontes e não um demolidor. Eu estava construindo pontes entre todos esses diferentes movimentos, que eu os percebia como primos do meu próprio trabalho. Tínhamos uma relação amigável com esses movimentos e, mais tarde, tornei-me professor convidado em muitas destas direções da psicoterapia corporal. Eu estava ensinando o meu trabalho nestes seus cursos antes de ter o meu próprio curso.

Antes desse congresso de Lowen, muito antes mesmo de eu começar em Londres, tive um encontro muito importante com um homem que eu conheci através da revista de Paul Ritter que foi Stanley Keleman. Stanley Keleman conhecia-me antes devido ao quê eu havia escrito e publicado na revista editada por Paul Ritter. Ele veio visitar-me em Dorset, em 1966. Esse foi o meu primeiro encontro com Stanley Keleman; reencontrei-o alguns anos depois, em 1971, no México.

Encontrei-o novamente em 1973 e estabeleci uma boa conexão com ele, que foi repetida em muitos lugares diferentes. Keleman era uma inspiração importante para mim porque ele me ajudava a ver através das limitações do modelo Reichiano clássico. Essas limitações tinham a ver com muita pressão externa para ir numa determinada direção e muito pouco foco no processo individual e na consciência da contenção da pulsação.

**Esther:** Como ele te ajudou?

**David:** Vou te contar. Eu estava na *Isla de Las Mujeres*, no meio de um mar maravilhoso na costa mexicana, em abril de 1971, e todos os membros do congresso estavam desfrutando o sol, o ar fresco, o movimento, nadando e surfando. Contudo, havia determinado um participante, uma mulher que parecia estar estranhamente fora de contato. Keleman entendeu a condição energética dela dentro do contexto terapêutico, e disse-me: “Quando ela flui, ela dissocia”. Esta frase impressionou-me naquele momento. Na verdade ela era realmente *bordeline*, bem limítrofe, um pouco avoadada, e sem raízes. Ela havia identificado-se totalmente com o seu fluxo de energia mas tinha muito pouca forma, ela havia perdido contato com as suas raízes, e com os seus pés.

Keleman havia percebido que, fluir sem estar enraizado, poderia ser uma forma de dissociação.

Isso foi um momento muito significativo para mim. Tomei consciência, então, de que o trabalho clássico Reichiano, assim como foi desenvolvido após a morte de Reich, estava, às vezes, em perigo de se tornar uma técnica; e de empurrar o cliente demasiadamente em uma determinada direção, sem seguir, suficientemente, os sinais encobertos, assim como que eu havia estudado com as crianças durante o meu trabalho terapêutico na área de educação. Esse trabalho Reichiano posterior havia se tornado mais mecânico, assim com Reich já havia prevenido que poderia acontecer. O próprio Reich sempre colocava a maior ênfase no nível do contato humano vital entre terapeuta e cliente, pais e filhos.

Então eu percebi que o trabalho Reichiano clássico poderia ser um trabalho importante e válido para pessoas rígidas. Porém, se você for uma pessoa traumatizada, ou *bordeline*, ou um ego de estrutura fraca, esse trabalho pode causar exatamente aquilo que Nic Waal me advertiu em 1952. Pode criar estados psicóticos ou estados fragmentados de re-traumatização. Assim, nesses casos a ênfase precisa ser em formar melhores fronteiras, que ela chamou de construção do ego, e que Keleman estava chamando de contenção.

Keleman e eu estávamos no começo desse processo quando algo muito interessante aconteceu. Em 1974, eu viajei para o Congresso de Esalen sobre Reich, em São Francisco. A caminho de lá, sobrevoei o pólo norte. Quando olhei para baixo vi água, gelo, e algo entre esses dois estados – metade água, metade gelo. Voando sobre o pólo norte, tive o *insight* de que temos extremos de liquidez e de solidez, e entre ambos está o cristal líquido que é a base da vida. Liquidez sem estrutura não é vida. Nem, tampouco, a estrutura sem fluidez. Então, entendi que muita liquidez é como se desprender. Isso me lembrou da dissociação e de estados de transe como coma. A convulsão, por outro lado, é mais parecida como um processo histérico – tudo está muito apertado e contraído.

Deste modo, o gelo é como uma contração, como acontece na convulsão; e a água é como um corrente livre que precisa de chão, de aterramento, como se fosse um rio em busca de margens: no meio disso a forma cristalizada que é a vida. Isso era o começo de uma série de artigos que escrevi mais tarde, chamados “Entre o Coma e a Convulsão”<sup>11</sup>.

Quando cheguei a São Francisco para o Congresso de Esalen, fiquei na casa de Keleman e contei-lhe sobre minha experiência do pólo norte. Ele dirigiu-se à sua estante e pegou um livro que ele havia escrito (*Your Body Speaks its Mind*). Ele abriu-o e leu uma passagem que começava assim:

“Certa vez voando para São Francisco, sobre as planícies de sal, olhei para baixo e, de repente, vi como uma solução super saturada começa a formar um cristal. Vi um campo em cristalização na água.” E ele continuou a descrever as suas próprias observações sobre os estados de excitação e de pulsação entre fronteiras.

Keleman riu porque havíamos tido *insights* paralelos e esse foi um momento muito interessante para o meu entendimento sobre polaridade. A polaridade que conecta é a oposta de uma dualidade que separa. Isso foi o começo dos meus pensamentos sobre tratamento do trauma, e um momento muito importante do entendimento do conceito sobre polaridade, o qual tornou-se central na Biossíntese. Também foi o início do meu movimento além do modelo clássico Reichiano, que enfatiza a importância da expiração,

---

<sup>11</sup> Between coma and convulsion



do soltar, mas que tem o risco de esquecer o outro pólo, aquele relacionado à inspiração, a digerir a experiência, a construir uma forma e a conter a energia.

**Esther:** É tão interessante quando vemos as pessoas no seu grupo aqui. Como algumas pessoas precisam soltar-se e como outras pessoas realmente necessitam organizar e construir o seu ego?

**David:** Em nosso entendimento, construir o ego significa coordenar a percepção, e coordenar a motilidade. Isso está relacionado ao princípio da voluntariedade, ao princípio da autonomia. Para muitos clientes *borderline*, o problema principal é a sua perda de autonomia. Eles tornaram-se vítimas desamparadas das circunstâncias de sua história de vida.

Entender como conseguir o equilíbrio correto entre uma liberação expressiva e a criação de fronteiras flexíveis, esse era o pilar do nosso trabalho com trauma, o qual remete ao início dos anos 70.

**Esther:** Quando você começou a falar sobre estresse?

**David:** Isto foi por volta do mesmo período e partiu de um convite de Jay Stattman, que mais tarde foi uma das forças motoras para a realização do primeiro congresso de psicoterapia corporal. Ele era treinado em biodinâmica e depois se tornou fundador da Unitive Psychotherapy<sup>12</sup>. Eu o conheci em Londres, e ele convidou-me para falar no Instituto Tavistock de Relações Humanas. Esse foi um bom convite porque Tavistock era, então, a principal sede da Teoria do Vínculo na Inglaterra. Nesta ocasião, pude ir além da minha tese de mestrado, que estava fundamentada na Teoria do Vínculo que aplicava a Teoria do Vínculo na educação. Eu tinha sido convidado para o principal centro Britânico de entendimento psicodinâmico do homem, e estava sendo solicitado para falar sobre o meu entendimento terapêutico do conceito polar do caráter, o qual, por sua vez, reflete à polaridade energética que eu havia descrito em artigos anteriores sobre coma e convulsão.

Por exemplo: congelar ou correr, o padrão de caráter de mover-se para dentro e encolher; ou o padrão oposto – afastar-se correndo o mais rápido que se pode. Neste ponto, eu estava influenciado pelo trabalho de Frank Lake, que até esta época não o conhecia pessoalmente, conhecendo apenas o seu trabalho teórico.

**Esther:** Quem era Frank Lake?

**David:** Frank Lake era um homem muito criativo, que juntou a psiquiatria clínica e uma teologia baseada no cristianismo. Ele tinha uma visão similar àquela de Reich no seu livro “Assassinato de Cristo”. Lake também foi co-diretor, comigo e outros, do Instituto de Desenvolvimento do Potencial Humano em Londres, de 1977 em diante.

Frank Lake era muito interessado nos aspectos pré-natais do desenvolvimento. Ele também percebeu que as polaridades energéticas permeiam o desenvolvimento do caráter. Ele escreveu muito sobre isso associando à oscilação histeria-esquizoidia, a qual ele também percebia como uma resposta trans-marginal ao estresse. Frank Lake facilitou o entendimento terapêutico desse conceito de polaridade; e parte dessa percepção foi a de que temos padrões motores tais como: fugir, estender-se, e assim por diante.

---

<sup>12</sup> Psicoterapia Unitiva

Meu interesse em motilidade começou muito cedo porque em 1964, após ter começado o meu trabalho terapêutico, escrevi um estudo teórico sobre motilidade e evolução. Estudei movimentos desde a ameba, passando por diferentes animais, até chegar ao homem. Foi um estudo biossocial do comportamento motor. Eu estava muito interessado em movimento.

**Esther:** Por que você estava interessado em movimento naquela época? Você era um professor.

**David:** Esse interesse surgiu em parte devido ao meu contato inicial com o trabalho reichiano, fiquei muito impressionado com o capítulo do livro “Análise do Caráter” que falava sobre a linguagem expressiva do ser vivo.

Reich estava escrevendo sobre a ameba, e sobre o processo primal de contração e expansão. Reich estava basicamente focado na expressão emocional. Porém, é claro que a expressão emocional para Reich era ligada a movimentos, movimentos vegetativos, reflexos do orgasmo, estender-se. Reich estava muito focado no contato; e um dos canais de contato é o movimento expressivo, que havia sido o foco do estudo que eu havia realizado para a minha tese de mestrado sobre os símbolos e sinais da criança.

Paralelamente ao meu trabalho na escola, Elsa deu à luz a nossos dois filhos, meu filho e minha filha. Adam, que significa terra, nasceu em 1960. Minha filha Eilidh, que significa luz, nasceu no ano seguinte. Foi uma época muito boa em nossas vidas, quando podíamos compartilhar o crescimento de nossas crianças perto do mar e desfrutar o seu desenvolvimento no contexto criativo da escola, onde Elsa também estava envolvida. De modo que, era possível ver em primeira mão como as crianças se desenvolvem, como a emoção se desenvolve, e o que acontece com a expressão corporal. Como terapeuta, estava muito interessado em observar como a expressão começa, e, a fim de embasar o meu trabalho de ensino, comecei a frequentar cursos de dança criativa. Eu ia a *workshops* de dança e aprendia através do ensino da dança com os professores do Instituto Laban, tais como Lisa Ullmann e Diana Jordan. Esses *insights* foram mais desenvolvidos, vieram a fazer parte da Biossíntese como aquilo que, desde então, chamamos de “qualidades do impulso” .

Isso foi uma outra forma inicial do que, posteriormente, chamamos de campos motores da Biossíntese.

Muitos anos depois, em 1975, comecei a oferecer cursos e tive os meus primeiros grupos terapêuticos organizados por um colega de Frank Lake em Londres, no Centro Churchill.

Nesse mesmo ano, fui convidado para liderar um grupo no estado de Nova York e tive uma experiência intensa, que me conectou profundamente com os princípios que chamamos de Centramento, Enraizamento e Enfrentamento<sup>13</sup> os quais estão relacionados às três camadas embriológicas do corpo e suas respectivas formas de expressão tardia no corpo adulto, como afeto, comportamento e cognição ou crenças. Isso foi uma espécie de batizado para a Biossíntese. Depois disso, meu trabalho tornou-se mais profundo e mais orgânico, e eu desenvolvi mais confiança na energia-de-grupo que circula entre as pessoas. A palavra “Biossíntese”, que significa integração da vida, é uma expressão dos *insights* daquela época.

---

<sup>13</sup> Centering, Grounding and Facing”

**Esther:** Sei que houve uma crise pessoal em sua vida por volta deste período. O que aconteceu?

**David:** No final dos anos 70 ocorreu uma crise em minha família induzida pela adolescência tardia de meu filho Adam.

A crise por que meu filho passou, envolvia drogas. Ele tomou LSD e ficou desorientado durante essas experiências. Isso se tornou uma situação de emergência, onde eu tinha de me apoiar a tudo que eu conhecia ou não conhecia sobre estes tipos de eventos induzidos pelas drogas. Me dei conta que , eu tinha de estudar muito rapidamente os efeitos que o LSD produziam no cérebro, porque eu queria entender coisas práticas que poderiam ajudar pessoas como meu filho, nestes tipos de crises. Descobri alguns dos efeitos do LSD no cérebro, e também num corpo normal, sobre os neuro-transmissores, e assim por diante.

**Esther:** Como isso lhe ajudou a lidar com a crise?

**David:** Eu vi como os caminhos negativos dos neuro-transmissores poderiam ser interrompidos por meio das vitaminas. Descobri uma combinação particular de vitaminas que poderia ajudar a re-estabilizar o cérebro. Não é que o meu entendimento terapêutico tenha me ajudado a lidar com a crise, mas lidar com a crise ajudou-me a entender profundamente o meu entendimento terapêutico. De fato, isso funciona como uma via de mão dupla.

Escrevi esses *insights* e isso se tornou um livro de 120 páginas chamado “The Charge of Consciousness”<sup>14</sup>. Consistiu em uma combinação complicada de bioquímica, sobre a qual eu não conhecia quase nada para começar; e um processo psicodinâmico, sobre o qual eu conhecia bastante, e processo pré-psicótico, sobre o qual eu conhecia terapeuticamente, mas não em relação ao que estava se processando no cérebro. Logo, eu estava juntando neste livro experiência terapêutica, psicodinâmica e bioquímica cerebral, assim como um estudo sobre os estados alterados da consciência. É uma mistura complicada!

Escrevi-o em duas semanas, sem parar, porque era uma crise. Levei-o para o editor e disse que queria a impressão muito rapidamente. O livro estava em minhas mãos duas semanas depois. Um mês, desde quando comecei a datilografá-lo até o livro estar pronto em minhas mãos. Isso é, provavelmente, o texto mais denso que já escrevi, porque o fiz durante um momento de sobrecarga. Ainda retorno para este livro e leio agora como um tipo de fonte neurobiológica. Fico sempre surpreso com o que encontro. Muita coisa foi bastante condensada ali, naquelas duas semanas.

Meu filho passou por um tipo de crise de morte e renascimento. Ele saiu dela mais forte e espiritualmente mais consciente, e nunca mais voltou a tomar qualquer droga desde então. Ele ficou muito interessado na medicina alternativa que usa ervas. Depois disso, alguns meses mais tarde minha família passou por uma segunda crise traumática.

Isso foi quando minha filha, Eilidh, que tinha 18 anos, decidiu o quê queria fazer em sua vida. Ela queria trabalhar como ajudante em uma pensão para moradores de rua, em Londres, chamada “The

---

<sup>14</sup> A Carga da Consciência

House of the Peace”<sup>15</sup> a qual era administrada em nome de Madre Teresa de Calcutá. Ela não era católica, porém era uma cristã dedicada, que queria ajudar as pessoas do seu jeito.

O dia em que ela foi para Londres, em seu primeiro dia de trabalho, naquela mesma noite houve um incêndio, que foi causado por uma alcoólatra, que tinha uma história de incêndio culposo. Vinte pessoas estavam na pensão e dez morreram naquela noite. Uma delas foi a minha filha. Foi uma imensa tragédia!

**Esther:** Como todo o seu desenvolvimento, pessoal e profissional, lhe ajudou a entender, conter e lidar com a sua dor?

**David:** Levaram anos para eu lidar com isso. Mas, apareceram questões profundas como: qual é o sentido da vida além do corpo, além dessa existência. Isso me levou, muito fortemente, aos aspectos espirituais do meu trabalho relacionados a uma melhor compreensão das conexões entre corpo e alma, esperança e desespero, destino e fé em algo mais profundo. Esses *insights*, que surgiram desta tragédia, constituem a parte final do último capítulo do meu livro “Correntes da Vida”, que é chamado “O Útero, O Sepulcro e o Espírito”.

Então, esta tragédia dolorosa, quando trabalhei com ela, deu-me um profundo *ground* interior para o meu trabalho terapêutico.

Essa crise dupla trouxe grandes mudanças na minha vida pessoal. Pouco tempo depois, em 1981, a escola onde trabalhei por vinte e dois anos fechou por motivo de decisões políticas daquela época na Inglaterra.

Eu tinha acabado de fazer 50 anos, que é a idade mais jovem para aposentar-se. Havia passado dessa idade por dois meses. Antes disso não poderia aposentar-me, agora eu poderia. Como um professor que pára de trabalhar mais cedo do que o normal, eu poderia receber uma pequena pensão na Inglaterra. Isso era uma ótima oportunidade para expandir meu trabalho terapêutico, para primeira vez em horário integral.

**Esther:** Isso foi uma espécie de nascimento profissional?

**David:** Sim, enquanto estava digerindo a imensa dor da morte da minha filha, parei de lecionar por algumas semanas. Quando retomei ao ensino por mais um ano, também continuei o trabalho terapêutico, e estava começando a transmutar alguns aspectos da dor para ajudar pessoas que foram traumatizadas por terem estado próximo à morte em situações que poderiam ser muito catastróficas. Um dos *insights* que tive naquele período foi o de que temos camadas de experiências em volta de nós. Temos círculos de eventos positivos e negativos. Experimentamos agonia, trauma, talvez guerras, e morte. Então tive um sentimento: qual é o círculo mais remoto dessas esferas de experiência? Qual é a última camada que envolve, no final de tudo? Ela é positiva ou negativa? Então eu tive o sentimento que além da dor e do horror havia ainda mais uma camada que envolvia. Esta camada externa não é destrutiva, mas criativa e de apoio. Neste sentido, nós somos conduzidos pelo cosmos.

---

<sup>15</sup> “A Casa da Paz”

Uma das primeiras pessoas a me telefonar após esta morte foi Stanley Keleman, que tinha ouvido a notícia de alguém em Londres. Eu não contei para ele. Ele deve ter conversado com alguém em Londres que disse: “David acabou de passar por uma tragédia.” Ele ligou-me da Califórnia e, muito brevemente, disse: “É tempo de você receber alguma ajuda. Coloque-a em seu coração e cultive-a como sua alma.” Quê afirmação! Que presente num tempo de tragédia! Sim, foi um presente maravilhoso. É claro que centenas de pessoas escreviam-me coisas, porém, quanto mais eles escreviam, menos me afetavam. No entanto, esta única frase vou lembrar o resto da minha vida.

**Esther:** Fui aprendendo com Silvia e com você como meditar através do meu corpo. Este processo começou com você, David, me recomendando a praticar Kum Nye. Através deste processo, eu senti que poderia recuperar a conexão com a minha família que está morta, e desse modo poderia estar com eles e eles comigo, fazendo parte da minha alma. Não foi por volta dessa época que nos encontramos pela primeira vez?

**David:** Sim, o primeiro grupo que fiz, após esta morte, foi em maio de 1980, em Salvador, no Brasil.

Você era membro desse grupo, Esther. Quando eu fui para Salvador, esse grupo foi também um renascimento, porque foi a primeira vez que trabalhei com meus grupos de Biossíntese na América do Sul.

**Esther:** Sim, esse trabalho na América do Sul foi o núcleo de uma futura comunidade de *trainers*, o começo de um grande processo de expansão.

Gostaria de voltar a sua pergunta sobre como eu lidei com a dor. Eu morava no “rua do fundo” por quase vinte anos, viajava para Londres, de vez em quando fazia uma grande viagem para América do Sul ou Austrália, mas, até aquele momento, estava ancorado em meu ambiente, lecionando muito próximo de onde morava. Eram apenas dez passos da minha casa até a escola. Eu viajava ocasionalmente, mas isso era uma exceção.

Meu pai era alguém que queria navegar ao redor do mundo, mas ele nunca teve chance, então, tornou-se um trabalhador no porto de Londres, olhando os navios irem e virem.

O script dele era algo como: “A vida começa em casa.”

Os vinte e dois anos me deixaram ancorado em uma paisagem maravilhosa junto à minha casa. Então, de repente, a escola foi fechada e eu não tinha dinheiro, com exceção da pensão. Não tinha trabalho, perdi a casa que alugava, e perdi um dos meus filhos. O que iria fazer da vida?

**Esther:** Então essa foi uma grande crise de transição para você?

**David:** Sim, uma profunda crise de meia idade, pouco mais tarde do que o normal. Então decidi: esta é a minha oportunidade de crescimento. Elsa está formando sua própria resposta para a crise, a crise dupla. Ela decidiu atualizar a sua carreira. Ela foi estudar na universidade pela primeira vez, e fez um mestrado em redação criativa, que estava de acordo com o seu interesse vital por poesia. Porém, cada vez mais nos afastávamos um do outro, pessoalmente e profissionalmente. Neste momento, nós já estávamos nos separando. Ela estava conseguindo obter o seu mestrado em redação criativa. Eu estava tendo minha oportunidade de expandir meu trabalho. Eu estava lidando com a dor saindo de toda

aquela área, viajando por aí. Viajei, praticamente sem parar, por cinco anos. Nestes cinco anos, viajei para mais de 30 países. Em termos de distância, viajei ida-e-volta para lua. Parte disso foi um modo de lidar com a dor, sendo um viajante. Parte disso foi ter uma oportunidade de construção.

Um dos primeiros lugares onde trabalhei, antes mesmo da escola fechar, foi no Japão. Um homem que havia lido o meu livro inicial “The Spiral Flame”, escreveu-me e nos correspondemos. Mais tarde ele foi para o Japão e tornou-se professor de literatura da Universidade de Kanazawa. Lembre-se de que literatura inglesa havia sido minha primeira matéria. Ele convidou-me para ir ao Japão ensinar Biossintese. Lá encontrei uma colega dele, que era professora de literatura e filosofia na mesma universidade, e ela ajudou a organizar a minha visita.

Esta era Silvia, um ser maravilhoso, uma filósofa e escritora criativa: nos apaixonamos e ela tornou-se minha segunda parceira. Isso também um renascimento. Por volta deste período, tive uma mudança completa: estava passando por um processo de separação de Elsa. Foi muito doloroso para nós dois, mas conseguimos manter uma boa amizade e continuamos a manter um contato importante e profundo. Neste momento de mudança, estava desenvolvendo meu novo relacionamento com Silvia, havia deixado a escola e, eventualmente, estava deixando meu país, minha língua, minha casa. Tinha a sensação de que o meu *ground*, a minha base, era o meu par de sapatos. De certo modo, tive a sensação de que isso era desistir de tudo, exceto do meu trabalho, e aproveitar tudo que tinha naquele momento: uma segunda vida, uma segunda oportunidade.

A Biossintese cresceu a partir do nosso amor pelo outro e pelo nosso amor em trabalhar profundamente com as pessoas de uma maneira espiritual e corporificada, com os sentimentos mais profundos que isso traz, ao qual damos suporte e encorajamos como um processo de auto cura.

**Esther:** Você tinha cinquenta anos então?

**David:** Logo após Eilidh morrer fiz cinquenta anos, mas cinquenta e quatro quando me mudei para a Suíça. Um pouco tarde para um novo recomeço. Parei as minhas viagens pelo mundo, e mudei para Zurique em 1985. Na mesma época, Silvia e eu estávamos juntos e começamos um treinamento com Bob Moore.

Bob Moore era um professor espiritualista maravilhosamente intuitivo, que entendia a circulação corporal energética sutil melhor do que qualquer outra pessoa que eu já encontrei. Encontrei-o pela primeira vez em Londres, há muitos anos, através de clientes meus que o conheciam. Quando Eilidh faleceu, ele telefonou-me para expressar o seu apoio.

Neste período de transição, Silvia e eu começamos um treinamento com ele na Dinamarca, que foi um processo de quinze anos. Nós íamos para lá todos os anos, por muitas semanas diferentes. A maneira de Bob Moore entender o ser humano tornou-se uma base vital para o nosso trabalho em Biossintese e trouxe um aprofundamento do entendimento e da prática de trabalho com a energia sutil.

**Esther:** Conte-me, como a entrada de Silvia em sua vida mudou a Biossintese?

**David:** A contribuição de Silvia para a Biossintese tem sido incalculável. Foi a partir da nossa interação juntos no começo, que emergiu o tema dos sete campos da vida da Biossintese, o qual forma o modelo mais compreensível e integrado de como trabalhamos.

Os campos da vida estão baseados nos sete centros de energia do corpo, que são particularmente enfatizados por ela em seu próprio trabalho com a energia sutil no treinamento. Ela traz uma qualidade central de presença ao seu trabalho, o qual muitas pessoas acham inspirador. Ela possui um Ph.D. em filosofia e, junto com psicologia, literatura, arte, ela pode estimular as pessoas a pensar, em um nível mais muito profundo do que normalmente ocorre neste tipo de trabalho, sobre quem elas são e o que estão fazendo.

Nosso filho, Till, nascido em 1988, foi uma fonte de grande alegria para nós dois, e um aprendizado contínuo sobre o processo de desenvolvimento infantil em um nível mais profundo. Além de ser mãe de uma jovem criança, Silvia dedicou uma energia leonina para o desenvolvimento do conteúdo e da estrutura dos treinamentos da Biossíntese e de nosso lar. Frequentemente, eu percebo que não fiz muito para apoiá-la neste imenso empreendimento.

Silvia trouxe para a Biossíntese suas próprias qualidades de energia, compaixão e clareza para o desenvolvimento do enquadre filosófico e psicodinâmico de nosso trabalho, para o acompanhamento terapêutico individual de nossos alunos e, por meio de sua sensibilidade muito especial, para a energia e processos dos grupos.

Na época em que mudei para a Suíça, a Biossíntese havia sido ensinada ao redor mundo, mas não havia um centro, uma casa. Silvia direcionou os seus talentos organizacionais para o grande trabalho de encontrar lugares, organizar os treinamentos europeus, e supervisionar as estruturas administrativas que tornaram possível nossa atividade de ensinar.

Ambos trabalhamos duro para obter um reconhecimento político para Biossíntese. Eu fiz isso no nível europeu, onde consegui, em Bruxelas, 1998, o reconhecimento científico da EAP<sup>16</sup> sobre o nosso trabalho. Isso foi baseado no trabalho que a Silvia havia feito, ganhando o reconhecimento dentre a Charta Suíça de Psicoterapia e interagindo com outras associações profissionais na região de língua alemã. Mais tarde, o estabelecimento da Fundação Internacional da Biossíntese para integrar todos os treinamentos que haviam crescido em vários países, também foi seu trabalho. Isso era como polir um diamante e cortar as faces, até que a estrutura final esteja coerente e seja calorosamente apreciada pela comunidade.

Sua contribuição para a Biossíntese tem sido incalculável em vários níveis diferentes. Seria necessário contar uma história separada dos últimos vinte anos, para fazer justiça a toda a sua colaboração.

Em 1994, o Instituto Internacional para Biossíntese, que ela havia fundado, mudou-se para o seu centro permanente, nas colinas dos Alpes, sobre o Lago Constance, como uma vista para quatro países. Silvia idealizou e supervisionou milhares de detalhes do desenho e reconstrução de uma casa ecologicamente harmonizada que agora é a estrutura para sustentar o nosso trabalho terapêutico.

Quando, meses depois, fizemos a abertura de nosso centro à sociedade, o Ministro da Saúde veio, olhou para a exibição que havíamos montado e comentou: “Este é um trabalho sobre o coração num lugar para o coração”.

---

<sup>16</sup> EAP – Associação Européia de Psicoterapia

Após liderar conjuntamente cerca de dezoito treinamentos de cinco anos na Suíça, nós finalmente estamos encontrando mais tempo para trabalhar em uma série de livros, alguns de forma conjunta, outros de maneira independente, onde as últimas mensagens sobre o nosso trabalho e sobre as nossas vidas poderão encontrar expressão.